O PROGRAMA DE APOIO PEDAGÓGICO DO HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE

TEACHING PROGRAM FOR CYSTIC FIBROSIS PATIENTS AT THE HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE

Sandra Mara Amazonas de Albuquerque, Judis Blacher, Jussara Pieruccini

RESUMO

Dentre os vários desafios enfrentados por crianças e adolescentes portadores de fibrose cística está a redução dos prejuízos escolares durante o tratamento de saúde que exigem prolongados e/ou repetidos períodos de hospitalização. Com o objetivo de garantir qualidade de vida ao paciente e fazer com que, mesmo dentro do hospital, a escola se faça presente, o Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) criou o Programa de Apoio Pedagógico através de uma parceria com a Secretaria Estadual de Educação que está representada pela Escola Estadual Técnica em Saúde. Desta forma, todos os portadores de Fibrose Cística, em idade escolar, internados no HCPA, recebem atendimento pedagógico sempre que necessitam hospitalização. Além da qualidade de vida, a postura do aluno tornou-se mais confiante quanto ao seu retorno ao ambiente escolar e social; o material pedagógico passou a fazer parte da bagagem da internação; a família está mais confiante e exigente na continuidade do trabalho; as escolas estão mais participativas no atendimento aos alunos hospitalizados e já é possível comprovar a importância e a necessidade da interação entre saúde e educação.

***Palavras-chave**: Fibrose cística; educação*

ABSTRACT

Reducing the negative effects on their education during treatment and hospitalization is one of the challenges faced by children and adolescents with cystic fibrosis. With the purpose of guaranteeing the quality of life of these patients and providing educational activities at the hospital setting, the Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) created the Pedagogical Support Program in a partnership with the State Department of Education, represented by the Technical State School of Health (Escola Estadual Técnica em Educação). According to this program, all students with cystic fibrosis admitted to the HCPA receive pedagogical support during their hospital stay. As a result of this program, students show more confidence when they have to go back to school and their social environment; pedagogical material is part of the hospitalization material; patients' families are more confident and demanding regarding the program continuity; and schools participate more actively in terms of the attention provided to the their hospitalized students. Therefore, this program demonstrated the importance of and need for interaction between health and education.

***Keywords**: Cystic fibrosis; education*

Rev HCPA 2011;31(2):254-256

O Programa de Apoio Pedagógico (PAP) é um trabalho de Classe Hospitalar que foi desenvolvido a partir do interesse comum entre o Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) e a Secretaria Estadual de Educação (SE) em criar a Escola Estadual Técnica em Saúde (ETS), em agosto de 1990. A ETS foi criada tendo como um dos objetivos *formar profissionais na área da saúde, em especial a hospitalar* (1). Na organização da escola foi incluído o PAP para oferecer atendimento pedagógico às crianças e adolescentes hospitalizados, principalmente para os portadores de Fibrose Cística (FC) que necessitavam de prolongadas e/ou repetidas internações no decorrer do ano letivo. A proposta foi considerada de vanguarda em nosso Estado, porque antecipou as seguintes temáticas da infância e da juventude: "*(...) o direito de desfrutar de alguma forma de programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar" (1); (...) os estudos aplicáveis a alunos incapacitados de presença às aulas"* (2) e o *(...) atendimento especializado de Classe Hospitalar* (3). Por ser uma parceria entre duas instituições, na estrutura organizacional a ETS ficou responsável pela lotação dos professores da rede pública estadual que atendem da Educação Infantil ao Ensino Médio e o HCPA pelo espaço físico e pelos demais materiais solicitados pelos docentes designados ao Programa.

Oferecer atendimento pedagógico às crianças hospitalizadas exige raciocínio diferenciado do ambiente escolar convencional. É preciso organizar os horários de atendimento, preparar as aulas e utilizar o material escolar sem oferecer riscos de cruzar infecções entre os pacientes; um simples lápis pode se transformar em vetor de propagação. O professor de Classe Hospitalar (CH) participa sistematicamente de reuniões da equipe multidisciplinar. Além de ensinar a trabalhar em grupo, essas reuniões

Rede Pública do Estado do Rio Grande do Sul.
Programa de Apoio Pedagógico, Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA).
Contato: Sandra Mara Amazonas de Albuquerque. E-mail: amazonas@redemeta.com.br (Porto Alegre, RS, Brasil).

norteiam a organização do atendimento pedagógico, ensinam a lidar com o desenvolvimento e evolução da doença e com as particularidades de cada situação. Nem todos os portadores de FC podem frequentar a sala de aula com outros pacientes, devido ao risco de infecção cruzada. O material escolar que é utilizado em isolamento protetor e de contato não pode retornar nem para a sala de aula nem para qualquer outra dependência do hospital, as aulas ministradas aos pacientes em isolamento só podem acontecer nos finais de manhã ou finais de tarde. Os livros que são utilizados são dos próprios alunos. Caso o aluno não o tenha, o assunto é pesquisado pelas professoras, digitado e entregue a cada um. Os professores devem dividir as tarefas entre si para evitar que um mesmo profissional circule por diversos quartos na mesma semana. Em casos extremos (superlotação ou apenas um professor de CH) os alunos/pacientes recebem aulas em dias alternados. O uso de máscaras, luvas e avental são seguidos conforme as normas de biossegurança. As aulas oferecidas pelo Programa são uma parcela do tratamento de saúde oferecido pelo HCPA.

A OPERACIONALIZAÇÃO DO ATENDIMENTO

Para facilitar o desenvolvimento da rotina foram criados quatro documentos: o primeiro é a Ficha de Entrevista. Além da identificação do aluno, em folha anexa, são registrados os atendimentos pedagógicos oferecidos durante as internações, os contatos telefônicos com as escolas, e qualquer outra informação ou orientação relevante. Em caso de retorno, ela é apenas atualizada tendo-se o cuidado de preservar as informações anteriores. A partir de 2002 este documento passou a ser considerado, por nossa equipe, como um Histórico Escolar Hospitalar. O segundo documento é o Relatório de Visitas, o qual foi criado a partir da necessidade de explicar pessoalmente o que, algumas vezes, é impossível fazer através do telefone. Nesses casos, as visitas são agendadas e dois ou três membros da equipe multidisciplinar visitam a escola do aluno em carro oficial cedido pelo HCPA levando este documento que é preenchido no local. A visita pode se tornar necessária porque ainda existem profissionais da educação que desconhecem a legislação sobre os direitos da criança hospitalizada. Serve também para tentar fazer com que a escola se torne participativa no envio de tarefas, que se torne compreensiva com a quantidade de faltas oriundas de hospitalizações e para reforçar o vínculo do aluno hospitalizado com o mundo exterior. Este documento é utilizado em duas vias. Uma fica no local visitado e outra junto ao Histórico Escolar Hospitalar do aluno. O terceiro documento é a Devolução à Escola. Ela é entregue no momento da alta hospitalar com os registros e os comprovantes dos conteúdos trabalhados. É preenchida em duas vias, as quais o aluno entrega uma na escola e outra permanece anexada no Histórico Escolar Hospitalar. O quarto documento é a planilha de horário ou Reloginho. Essa planilha fica fixada na porta da sala de aula e é alterada conforme a demanda da semana. Nela constam os horários e organizações dos atendimentos em grupos, individuais no leito, individuais na sala ou em isolamento.

A duração de cada atendimento oscila entre 50 ou 60 minutos. Os pequenos grupos são organizados contendo apenas um aluno portador de FC e por séries aproximadas: educação infantil e alfabetização, terceiros e quartos anos, quintos e sextos anos enfim, vários níveis numa mesma sala em um mesmo momento de maneira semelhante às escolas rurais. Quando o aluno está impossibilitado de sair do quarto ele recebe atendimento no leito. Outras vezes, pode haver a recomendação de que ele vá até a sala de aula e receba atendimento individual. Essa estratégia se faz necessária porque fora do quarto torna-se mais fácil estimular o aprendizado através do uso do computador ou de outros atrativos da sala de aula. Ao término de cada aula, as mesas, cadeiras e demais materiais são higienizados com álcool 70%.

A impossibilidade de circular com livros, a necessidade de obter atividades variadas, a diversidade de séries e quantidades de alunos impulsionaram as professoras Sandra Albuquerque e Judis Blacher a criar um Banco de Tarefas. Assim, todo o material pedagógico digitado passou a ser reproduzido pela gráfica do hospital para facilitar o cotidiano, o planejamento e a distribuição de atividades.

Em 2002 a sala de aula foi ampliada. Novos professores foram designados pela ETS para suprir a demanda, foi criada uma logomarca para identificar os documentos e as atividades e foi elaborado, pelas mesmas professoras, um Banco de Dados para quantificar o número de alunos, os atendimentos e a organização dos relatórios mensais e anuais. Paulatinamente, essa sistemática de organização, de contatos telefônicos e de visitas às escolas, trouxe os seguintes resultados: a postura do aluno tornou-se mais confiante quanto ao seu retorno ao ambiente escolar e social, o material pedagógico passou a fazer parte da bagagem da internação, as famílias se tornaram mais confiantes e exigentes na continuidade do trabalho e as escolas se tornaram mais participativas. Outra contribuição importante foi prevenir e evitar algumas reprovações por “excesso de faltas”. Entre os anos letivos de 2002 e 2010 foram registrados, apenas, três casos de repetência entre os alunos portadores de Fibrose Cística atendidos pelo Programa de Apoio Pedagógico.

O Programa de Apoio Pedagógico que iniciou de maneira tímida em apenas uma unidade do hospital cresceu e passou a ser exemplo de responsabilidade social. Ao longo dos 21 anos de trajetória várias foram as participações da equipe docente/PAP em eventos sobre educação. Em 2007, no Concurso Inovação na gestão pública federal, entre 56 experiências inscritas no território nacional, dez foram selecionadas para a premiação e, entre elas, com o título "*Reinserção do Aluno ao seu Ambiente Escolar e Social Após a Alta Hospitalar",* O Programa de Apoio Pedagógico recebeu da Escola Nacional de Administração Pública - ENAP em Brasília/DF o prêmio de 6° lugar em duas categorias: cidadania e inclusão social e articulação de parcerias.

Refletir sobre a experiência da Classe Hospitalar conduz a questionamentos delicados. Precisaríamos, por exemplo, tentar entender o motivo pelo qual a Resolução N°2 não é cumprida em nosso Estado. Não sendo cumprida, tira das crianças e adolescentes dos demais hospitais o direito de desfrutar de alguma forma de programas de educação para a saúde e acompanhamento curricular (4). Assim, optamos por encerrar este artigo com dois agradecimentos: o primeiro ao aprendizado do trabalho em equipe. Sem o apoio conjunto, jamais teríamos alcançado os resultados almejados para os nossos "pupilos". O segundo e muito especial agradecimento é dedicado aos alunos que sempre nos mobilizaram com os seus desejos de aprendizagem e que nos impulsionaram a pesquisar e buscar as mais variadas formas de ajudar na construção do conhecimento, principalmente aqueles que se encontravam em situação de isolamento protetor. Consideramos vocês como os grandes vencedores que, transpondo os limites da doença, conseguiram alcançar os seus objetivos. Vencedores porque, mesmo depois de prolongadas internações, os resultados alcançados nas escolas ultrapassavam as expectativas; vencedores porque conseguiram fazer das obrigações escolares uma esperança de vida; porque mesmo após a transferência para a equipe de adultos concluíram o ensino médio. Porque conseguiram chegar à fase adulta com capacitação para entrar no mercado de trabalho. Vencedores porque mesmo aqueles que não estão mais conosco nos fizeram acreditar na proposta de interação entre saúde e educação.

REFERÊNCIAS

1. Goldim JR. Programa de Apoio Pedagógico do HCPA: uma experiência inovadora. Porto Alegre: HCPA, 2001.
2. Estatuto da criança e do adolescente hospitalizados – Resolução Nº 41 de 17 de outubro de 1995 – Conselho Nacional de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA).
3. Resolução Nº 230 de 16/07/97 – Regula, para o sistema estadual de ensino, os estudos domiciliáveis aplicáveis a alunos incapacitados de presença às aulas – Conselho Estadual de Educação – RS.
4. Resolução CNE/CEB Nº 2 de 11/09/2001 – Institui diretrizes nacionais para a Educação Especial na Educação Básica – DF.

Recebido: 01/06/2011

Aceito: 12/07/2011